

ALMA DOS OBJETOS: ABORDAGEM MEMORIAL E BIOGRÁFICA DE UM OBJETO DE MUSEU

Helen Kaufmann Lambrecht Espinosa

Universidade Federal de Pelotas

Pelotas – RS

Daniel Maurício Viana de Souza

Universidade Federal de Pelotas

Pelotas – RS

Diego Lemos Ribeiro

Universidade Federal de Pelotas

Pelotas – RS

RESUMO: Os objetos de museus possuem uma trajetória de vida, desde a sua criação, pertencimento a uma pessoa, aquisição e percurso dentro de um museu. Essa biografia pode ser um meio de interpretar a sua alma, considerando que os objetos carregam informações extrínsecas a eles mesmos, sustentam memórias, relações e histórias. Nosso trabalho tem como escopo a relação entre memória e objeto museológico, buscando compreender e definir sua alma, que pode ser ativada mediante revelações de memórias e da compreensão de alguns fatores. Discutimos, neste ensaio, a relação de um objeto que está sob a guarda do Museu Cláudio Oscar Becker com o doador e posteriormente, com os moradores da cidade de Ivoti-RS, buscando compreender sua função como dispositivo de conexão do sujeito com o invisível. Mediante

a entrevista realizada com o doador e a roda de conversa sobre o artefato, analisamos como a construção de uma biografia do objeto - que o potencializa como gatilho de memórias - e os fatores de ativação da alma - que tornam-se indicadores metodológicos para atingirmos nosso objetivo - podem contribuir para uma circunscrição do conceito de alma dos objetos de museus.

PALAVRAS-CHAVE: Alma dos objetos. Memória. Biografia. Museu.

SOUL OF OBJECTS: MEMORIAL AND BIOGRAPHICAL APPROACH OF A MUSEUM OBJECT

ABSTRACT: Museum objects have a life trajectory, from their creation, belonging to a person, acquisition and journey within a museum. This biography can be a means of interpreting your soul, considering that objects carry information extrinsic to themselves, sustain memories, relationships and stories. Our work has as scope the relation between memory and museological object, seeking to understand and define its soul, that can be activated by revelations of memories and the understanding of some factors. In this essay we discuss the relationship of an object that is under the custody of the Cláudio Oscar Becker

Museum with the donor and later with the residents of the city of Ivoti-RS, seeking to understand its function as a device for connecting the subject with the invisible. Through an interview with the donor and the conversation wheel about the artifact, we analyze how the construction of a biography of the object - which potentiates it as a trigger of memories - and the factors of activation of the soul - that become methodological indicators to achieve our purpose - can contribute to a circumscription of the concept of the soul of museum objects.

KEYWORDS: Soul of objects. Memory. Biography. Museum.

1 | INTRODUÇÃO

Valéry (2008) argumenta a respeito da melancolia que sentiu durante uma visita ao Museu do Louvre, descrevendo o Museu como um lugar intimador, constrangedor e exaustivo, influenciando negativamente os visitantes e “guardam pouca relação com as delícias.” (VALÉRY, 2008, p. 31). O autor aponta para o fato de que os museus, em sua visão, são lugares com pouca relação com a vida, enfadonhos, estagnados no tempo, espaços nada deliciosos. Este ponto nos instiga a reflexão para a ideia de morte e vida nos museus. Ao adentrarmos em alguns museus contemporâneos, percebemos que muitos encontram-se parados no tempo. Acreditamos que as delícias mencionadas pelo autor, seriam os aspectos simbólicos e emotivos que os objetos despertam nas pessoas.

Para Debary (2010), o museu é o destino das coisas cujas biografias chegaram ao fim, no museu elas ganhariam uma nova vida. Porém, em via de regra, a realidade das coleções é atualmente associada à morte, no sentido de não serem providas de vida, serem sem almas. Por essa razão, pensamos que o desafio dos museus advém justamente em oferecer um sopro de vida ao que parece morto e dinâmica ao que parece inerte. Ingold (2012) expõe que onde há vida, a relação essencial não se dá entre matéria e forma, mas entre materiais e forças:

Trata-se do modo como materiais de todos os tipos, com propriedades variadas e variáveis, são avivados pelas forças do cosmo, misturadas e fundidas umas às outras na geração de coisas. (INGOLD, 2012, p. 26).

Através desta ideia do avivamento “pelos forças do cosmos”, dar vida aos objetos estaria ligado ao invisível e à alma que os anima. Importa sublinhar que a morte de um objeto não está relacionada somente com o fim da sua materialidade, mas, sobretudo, por meio da amnésia social.

Por este prisma, os objetos de museus possuem uma trajetória de vida, desde a sua criação, pertencimento a uma pessoa, aquisição e percurso dentro de um museu (MENESES, 1998). Essa biografia pode ser um meio de interpretar a sua alma, considerando que os objetos carregam informações extrínsecas a eles mesmos, sustentam memórias, relações e histórias, que não são possíveis deduzir a partir de sua materialidade.

Desta forma, buscamos animar socialmente alguns objetos do Museu Cláudio Oscar Becker – local de memória referente à imigração alemã e história de Ivoti/RS – a partir de suas biografias, que é um instrumento possível que potencializa a alma das coisas, através da forma como as pessoas sentem, interpretam e comunicam determinado objeto. Acreditamos que este Museu possui objetos mudos e desalmados, que necessitam de intervenção da comunidade para reavivamento de seus objetos, ou seja: trazê-los de volta à vida.

Através de entrevistas e rodas de conversa com os moradores da cidade de Ivoti que possuem relação afetiva com os objetos que outrora foram doados por eles ao Museu, almejou-se aperfeiçoar o conceito de alma dos objetos por intermédio das narrativas evocadas pela pesquisa de campo. Neste artigo, traremos uma entrevista realizada com um doador, a biografia do objeto doado por ele e a roda de conversa na qual o objeto foi abordado.

2 | ALMA E BIOGRAFIA DOS OBJETOS

Vivemos cercados de objetos, os mais variados, com as mais distintas funcionalidades. São os objetos que nos permitem realizar nossas atividades cotidianas e torná-las mais práticas. Ponderamos que “objeto”, por este enfoque, são todos os materiais produzidos, utilizados, transformados e considerados como tal pelos indivíduos. De acordo com Dohmann (2013) é vital a presença dos objetos na vida humana. Todos eles estão repletos de sentidos e significados, e até de ressignificados, sendo-lhes atribuídos valores e simbolismos. Os objetos, nesse sentido, não são apenas suportes de memórias, mas potenciais conectores entre o visível e o invisível, entre os humanos e o mundo. De tal modo, os objetos adquiridos pelos museus e simplesmente colocados em reservas técnicas ou somente expostos, sem estudos, sem investigação a respeito de suas trajetórias, são, portanto, sem memórias, mortos e desalmados. A partir do entendimento teórico-conceitual do que seria a alma dos objetos, estimula-se as possibilidades de trazeremos os objetos de volta à vida.

Desta forma, todos os sentidos, significados e demais propriedades consideradas “invisíveis”, integram a alma dos objetos. E ela seria atribuída pelos sujeitos, ou seja, os objetos possuem uma alma que se completa na relação entre as pessoas, conforme estabelecem Gonçalves, Guimarães e Bitar (2013):

É preciso também não esquecer que, enquanto portadora de uma alma, de um espírito, as coisas não existem isoladamente, como se fossem entidades autônomas; elas existem efetivamente como parte de uma vasta e complexa rede de relações sociais e cósmicas, nas quais desempenham funções mediadoras fundamentais entre a natureza e cultura, deuses e seres humanos, mortos e vivos, passado e presente, cosmos e sociedade, corpo e alma, etc. (GONÇALVES; GUIMARÃES; BITAR, 2013, p. 8)

Deste prisma, os objetos são portadores de uma “alma” que não é autônoma, ou seja, ela se daria num processo intersubjetivo entre os indivíduos e os objetos.

Além disso, a “alma dos objetos” está relacionada com o “fato museal” de Guarnieri (1981). De acordo com a autora, o fato museal é a relação profunda entre o homem e o objeto em um cenário institucionalizado - o museu - no qual esta relação comporta vários níveis de consciência, dentre eles, a “percepção (emoção, razão), envolvimento (sensação, imagem, ideia), memória (sistematização das ideias e das imagens e suas relações).” (GUARNIERI, 1981, p. 123). Assim sendo, o fato museal se daria pelo olhar e pela percepção sensível das pessoas, atribuindo sentido aos objetos, tendo como pano de fundo a emoção e o afeto. Da mesma forma, as invisibilidades seriam projetadas através das sensações e da imagem das materialidades. A memória, por sua vez, seria o fluxo de ideias e sensações sobre os objetos, partilhadas socialmente. Consideramos que este processo configura-se e é análogo ao que acreditamos consubstanciar a alma dos objetos.

Acreditamos que a alma se consubstancia devido a alguns fatores reunidos, dentre eles, os que consideramos pertinentes neste trabalho são: a relação entre sujeito e objeto (musealidade); os aspectos simbólicos que eles desencadeiam nos sujeitos (ressonância); como os objetos agem sobre as pessoas (agência); e, o contexto dos objetos (suas biografias). Todos estes aspectos convergem para compreender a alma dos objetos e são muito similares aos níveis de consciência do fato museal, conforme veremos neste instante.

A musealidade pode ser considerada um produto da musealização e da preservação. Mas, muito além disso, a musealidade foge dos parâmetros técnicos e científicos compreendidos pelos profissionais de museus. Ela é o olhar emotivo e afetivo das pessoas sobre as materialidades, dos sujeitos que possuíram ou tiveram qualquer contato ou efeito sobre o artefato. Nos identificamos com a posição de Scheiner (2005), que afirma que a musealidade seria um valor atribuído pelas pessoas.

Desta forma, acreditamos que a musealidade seja um processo que caminha junto com a musealização, através da atribuição de valores e significados pelas pessoas que possuíram aqueles objetos. A musealização seria um possível indutor da alma dos objetos. Contudo, o processo de musealização, sozinho, em termos apenas técnico-científicos, não garante a energia da alma. A alma ganha força em seu caráter relacional, portanto, no seio social.

Por intermédio do conceito de ressonância, entendemos que os objetos geram efeitos e identificação social nas pessoas, desencadeiam aspectos simbólicos nos sujeitos: afeto e emoção, por intermédio da narrativa de suas biografias.

Por ressonância eu quero me referir ao poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante. (GREENBLATT, 1991, p. 43)

Desta forma, cremos que um objeto ao encantar e afetar um sujeito, fazendo com que ele se identifique e se emocione, gerando também uma relação de afeto com o item, permite a ativação do potencial de ressonância que o objeto pode possuir. Borges e

Campos (2012), consideram, ainda, que a ressonância caminha junto com outro fator: a aderência. A aderência ocorre quando determinado objeto possui mais proximidade cultural com um sujeito observador. Um objeto pode manifestar a ressonância em indivíduos com contextos culturais diversificados, porém, a evocação provocada pelo objeto nesses sujeitos não é a mesma, para um dos espectadores pode existir uma relação de aderência ao objeto, perante a significação que tal artefato possui. Desta forma:

[...] um objeto, um artefato, um evento poderá ser considerado patrimônio (como expressão cultural simultaneamente instituinte e instituída) quando estiver investido de um alto grau de ressonância a de um grau elevado de aderência. (BORGES; CAMPOS, 2012, p. 119)

Outro fator que consubstancia a alma dos objetos, é a agência. Ingold (2012) afirma que se as pessoas podem agir sobre os objetos, então, os objetos agem de volta. Latour (2005) complementa que os objetos não apenas fazem parte da sociedade, eles ajudam a construí-la e designam ações intencionais nos humanos:

As chaleiras “fervem” a água, as facas “cortam” a carne, as cestas “mantêm” os mantimentos, os martelos “batem” nos pregos, os trilhos “impedem” que as crianças caiam, [...] o sabonete “tira” a sujeira [...] e assim por diante. Esses verbos não estão designando ações? (LATOUR, 2005, p. 71, tradução nossa)

O autor aponta para o fato de que esses objetos não determinam as ações, mas que tudo aquilo que modifica o estado das coisas ao fazer alguma diferença é um ator na relação. Além disso, segundo Latour (2005), os objetos servem como pano de fundo para as ações humanas, pois:

as coisas podem autorizar, permitir, encorajar, sugerir, influenciar, bloquear, tornar possível, proibir e assim por diante. [...] os objetos fazem as coisas “ao invés” dos atores humanos. (LATOUR, 2005, p. 72, tradução nossa).

Miller (2013) acrescenta que os objetos são mais do que meras representações, os objetos que possuímos, ou aqueles em ambientes institucionais, nos formatam no mesmo grau em que são formatados por nós. Deste prisma, consideramos que os objetos “vivos” agem sobre nós; não são apenas passivos nas relações sociais. Os objetos vivos, por essa lógica, têm alma.

Assim sendo, consideramos que a perspectiva biográfica auxilia na percepção destes fatores de ativação da alma dos objetos. Esta abordagem dá suporte para vermos as imaterialidades, por intermédio da relação que as pessoas travam com os objetos em contextos delimitados. Conforme sugerido por Kopytoff (2008), os objetos possuem uma biografia cultural que merece ser (re)construída; biografia essa que busca (re)conectar os objetos ao tecido social. A concepção biográfica introduzida por Kopytoff faz-nos pensar na demanda fundamental dos museus, a qual os objetos devem ser estudados em situação, nos contextos sociais em que estão. É preciso considerar também que esses objetos, antes de serem entregues aos museus, passaram por distintos processos de singularização, por diversas fase de vida, sofrendo

deslocamentos de sentidos.

A abordagem biográfica auxilia no estudo das coleções e a entender os objetos em dinâmica social. De acordo Kopytoff (2008), a biografia de uma coisa, é a história de suas singularizações, classificações e reclassificações. Consideramos então, que é através da biografia social e cultural, da compreensão de como se relaciona sujeito e objeto em um determinado cenário, e do elo entre as pessoas, que se manifesta a alma. Além disso, quanto maior for o impacto social ou a ressonância, mais forte será a alma do objeto. O estudo da relação do objeto com os sujeitos é fundamental, extrapola a questão técnico-científica, priorizando a musealidade, a ressonância e a aderência.

3 | ENTREVISTAS E RODAS DE CONVERSAS

Os objetos mediam sentimentos, simbolismos e memórias, aos quais estão relacionados ao contexto social ao qual foram criados, reproduzidos, usados e eventualmente descartados por seus donos - e em contexto museal, muitos encontram-se hibernantes à espera de ressignificações e novas leituras. Esses objetos, quando ativados socialmente e inseridos em contexto propício, têm incrementado o potencial de remeter a alguém ou a um lugar, que poderão ser percebidos ou restituídos através de evocações de lembranças e emoções pessoais e coletivas. Os objetos carregam consigo, em potência, histórias e memórias que podem vir a se tornar narrativas sobre um passado presente. Por essa ótica, entendemos que a biografia potencializa o processo evocativo, que é elemento fundamental para manter a vitalidade do objeto e da sua alma.

Os objetos guardam as memórias dos sujeitos. Ao vê-los, tocá-los ou simplesmente lembrá-los, as narrativas desabrocham. Desta forma, não só a biografia dos objetos aparece, mas também a biografia da pessoa que está narrando sobre ele, a sua alma e os significados que eles representam, entusiasmando a sua vitalidade. Sendo assim, nossa pesquisa buscou desvendar memórias, identidades, compreender as invisibilidades e avivar alguns objetos do Museu Cláudio Oscar Becker, por meio do dizer, por meio da oralidade. Por intermédio da ativação da memória dos sujeitos que doaram objetos ao Museu, em entrevistas e rodas de conversas, almejou-se biografar os objetos analisados para compreendermos os fatores de ativação da alma dos objetos e circunscrever o conceito.

Diante disso, nossa pesquisa baseou-se em dados coletados em 14 entrevistas individuais, 17 objetos biografados e cinco rodas de conversas coletivas. Traremos nesse artigo, as análises realizadas de uma das entrevistas, um dos encontros coletivos e os respectivos resultados alcançados.

Entrevistamos um senhor que em nosso registro constava a doação de uma geladeira e uma vitrola. Já que para ele, que possui 80 anos, ficaria complicado nos encontrar em outro local para a entrevista, que não fosse sua residência, levamos

fotos dos possíveis objetos doados por ele. Ao ver as fotos, ele afirmou ter doado a geladeira. O senhor informou que trabalhava como motorista de caminhão, hoje é aposentado, mas desde sempre foi agricultor. Mora na cidade de Ivoti a vida inteira.

Além da geladeira, ele afirmou ter doado uma sanfona. No momento em que começou a falar da sanfona, disse que tinha uma foto com ela, foi até a cozinha e trouxe uma caneca de café com a foto estampada. Percebemos naquele instante, que o objeto foi importante para ele, já que tinha um objeto com a foto e ela estava à mão. Logo após trazer a caneca, lembrou que possui a foto original e foi procurá-la. Voltou com uma caixa cheia de fotografias e começou a procurar a foto. Enquanto procurava, ele ia mostrando, entre risadas, outras fotos e apontando alguns familiares. Quando finalmente encontrou a fotografia, mostrou-a entre sorrisos.

Sobre a data de fabricação ou quando comprou a sanfona, ele afirma não se recordar. Disse que utilizava-a em um quarteto, formado também por um baterista, um violonista e um vocalista. Tocavam nas matinês domingos à tarde. Afirma ter aproveitado muito aquele tempo e recorda com carinho algumas passagens referentes àquele tempo. Percebemos que o entrevistado sente saudade do tempo em que utilizava o objeto. Ele não lembra onde comprou o objeto, mas afirma ter comprado ela já usada e doou para o Museu devido ela não poder mais ser consertada. Tentou consertá-la para voltar a tocá-la, mas não encontrou técnicos que consertem o instrumento. A sanfona estava parada a aproximadamente 40 anos, o entrevistado conta que parou de tocar porque não tinha mais tempo, devido ao trabalho. Compreendemos neste instante, que certos objetos deixam de serem usados por tornarem-se obsoletos, mas alguns, são guardados por décadas, em um ato de preservação, adquirindo valor simbólico.

Ele considera importante o Museu possuir esse objeto, pois atualmente são raros os músicos que utilizam sanfonas, pois surgiram equipamentos mais completos. Ele complementa que se a sanfona estivesse em perfeito estado, ele ainda o utilizaria, adicionando que o Museu pode procurar um técnico para consertar e que se arrumarem ela, é para avisá-lo, pois ele irá no Museu para tocá-la novamente. Ele ressalta que sente muitas saudades de tocar o instrumento. Neste momento, percebemos como o objeto é importante para ele e possui uma forte carga de sentimentos e afeto, conforme analisa Dassié (2010):

[...] o carinho, caminho para ser considerado como a alma do objeto, se torna a razão para a sua conservação e assume a memória do que é suposto ser preenchido. Então, esses são “objetos de afeto” na medida em que os sentimentos são o princípio do compromisso mostrado a eles e parece impossível para os seus titulares de se separar deles (DASSIÉ, 2010 *apud* NERY, 2017, p. 153).

Através desta entrevista descobrimos um objeto tão importante e significativo que não tínhamos o conhecimento que havia sido doado ao Museu. Percebemos que este objeto biografado, é, acima de tudo, um objeto afetivo que media através da sua materialidade um cosmos de imaterialidades, de recordações, narrativas e identidades. Através deste objeto percebe-se um valor simbólico atribuído, ele estimula memórias e

a identidade do seu doador.

Em relação à roda de conversa realizada, na qual a sanfona foi um dos objetos abordados, compareceram 4 pessoas, com idades entre 60 e 80 anos, que já haviam sido entrevistadas individualmente, inclusive o doador do objeto. Antes mesmo de iniciarmos a conversa, de forma natural e descontraída, os participantes começaram a recordar diversos episódios que remetem a outros tempos, outras pessoas e outros objetos. Alguns lembraram do tempo da escola, pois estudaram juntos durante um período. Outros lembraram histórias engraçadas, contadas pelos familiares quando eles eram crianças. Algumas dessas histórias levou, inclusive, um dos participantes a cantarolar uma antiga canção e todos riram ao lembrar da música.

Dando início ao encontro, solicitamos ao doador da sanfona que ficasse a vontade para mexer nela ou pegá-la. Ele trouxe uma cópia da fotografia que nos mostrou durante a entrevista anterior para que o grupo pudesse ver, dizendo que devia ter uns 19 anos quando foi tirada (informação não fornecida na primeira entrevista). Percebemos um brilho no olhar, enquanto ele ajeitava a sanfona no colo, mexia nela e explicava como funcionava. Intuímos que o gesto também é uma forma de avivamento do objeto e de ativação da sua alma, pois retoma uma memória fisiológica, ligada ao uso do instrumento. As memórias se materializam nos rituais e nos gestos.

O doador lamenta que a sanfona ficou durante muito tempo parada. Quando ele resolveu pegá-la para tocar, ela não estava mais funcionando. Conta que ele e os amigos, tocavam em matinês entre os anos de 1957 e 1966. Alega que este foi o período em que mais usou a sanfona. Devido ao encontro em grupo e a presença do objeto, algumas memórias não estimuladas na entrevista individual, fluíram neste momento. Ponderamos que as memórias afetivas, quando partilhadas, se tornam mais potentes e o objeto quando manuseado, desperta as memórias com mais facilidade.

O objeto despertou uma rede de relações, ligadas a outros tempos e outras pessoas. Os integrantes começaram a lembrar sobre os antigos salões de bailes que frequentavam quando eram jovens. Iniciou-se uma rememoração divertida sobre as idas e voltas dos bailes em cima de caçambas de caminhões. Segundo eles, acontecia de tudo. Um dos participantes começou a recordar da época em que jogava futebol, que também se deslocavam em caçambas de caminhões. Todos comentaram que era normal carregar pessoas desta forma, diferentemente de hoje, que é proibido. Eles afirmam que eram tempos mais bonitos e divertidos.

Abrangemos que as rodas de conversas dentro do Museu são um ritual de memória e possuem um grande potencial evocador. Quando partilhado, estimula a ressonância social. O grupo ao narrar sobre o objeto selecionado, contribuem para as primeiras percepções que tivemos a respeito de sua biografia. Desta forma, podemos apreender seus múltiplos significados mediados através dessas redes de relações que os envolvem. A roda de conversa promoveu a interação do grupo, instigou a partilha, a sensação de pertencimento e a socialização.

Por intermédio desse encontro, renasceram as metamemórias da comunidade,

que recriam as histórias através do afloramento das lembranças comuns. Um objeto que fez parte da vida de um dos participantes, complementou as ações memoriais e identitárias. Além de percebermos a biografia da sanfona, podemos apreender a biografia do seu doador. O objeto foi guardado por 40 anos e doado ao Museu como testemunho da vida de ambos. Na roda de conversas, o objeto tornou-se evocador de memórias, de reflexão sobre a vida: passado, presente e futuro.

A emoção sentida pelo doador ao manusear sua sanfona – com quem possui uma relação afetiva que remete a vivências do passado – neste encontro no Museu, confirma a potencialidade que os museus possuem de maravilhar e comover. Esse é um dos efeitos da ressonância, reiterando a explicação de Greenblatt (1991) de que a ressonância é o poder que um objeto possui de evocar os sentidos que são representativos para o sujeito. Da mesma forma, concordamos com Dassié (2010 *apud* GARNIER, 2015) que considera que o afeto surge quando a alma do indivíduo é tocada pelo objeto. Consideramos neste caso, que as almas podem se complementar. Através do afeto, um objeto pode tocar a alma de seu antigo proprietário, porém, por intermédio da conexão do indivíduo com o objeto, a alma desta pessoa também pode ser abalada. Isto é, ao mesmo tempo que o afeta, é por ele afetado; ao mesmo tempo que os sujeitos constroem objetos, os objetos constroem os sujeitos (INGOLD, 2012; LATOUR, 2005).

A possibilidade de poder segurar o objeto para encenar o seu uso, expondo histórias familiares, hábitos comuns de tempos passados ou momentos de suas juventudes, facilitou a narração da trajetória do objeto. Essa necessidade de tocar os objetos para ativar a memória, em muitos casos é extremamente importante e consideramos que ao levantarem de seus lugares dentro do grupo para manusearem estes objetos, estes objetos de certa forma, agiram sobre os sujeitos, impulsionando-os a realizarem encenações e narrações de histórias.

Acreditamos que a preferência por narrar sobre o objeto, segurando-o com as mãos, destaca a necessidade do gesto, da conexão, de ter o objeto como indutor de memórias. Quando pega-se o objeto, a fronteira que separa sujeito e objeto se torna mais tênue, ou seja, sujeito torna-se objeto e objeto torna-se sujeito desta ação, segundo estabeleceu Latour (2005) e conforme alega Meneses (1996), ao abordar o conceito de *extended self*, afirmando que determinados objetos se confundem com as pessoas, a ponto de não haver uma linha clara que separe sujeito e objeto.

Percebemos que os significados atribuídos ao objeto foram renovados durante o encontro coletivo, que serviu como um complemento às primeiras (re)interpretações. Essa leitura sobre o objeto do Museu, e demais não abordadas neste momento, extrapolou o campo material das coisas e invadiu as suas almas. Em outros termos, os participantes contribuíram coletivamente para que conseguíssemos perceber a alma por detrás dos objetos.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos ponderar que os objetos musealizados são potenciais mensageiros de uma alma, esta que pode ser ativada e desvendada somente a partir das percepções das pessoas. Os museus devem ser lugares em que a alma é convocada, mobilizada e animada. Percebemos que na roda de conversa analisada, a sanfona tornou-se potencial sociotransmissor, articulando as memórias compartilhadas entre os membros do grupo (CANDAU, 2009), colaborando para o aumento da potência de ativação da alma do objeto.

Por meio da relação do sujeito com o objeto museológico, isto é, mediante o fato museal, as memórias evocadas podem nos dizer muito sobre esse objeto, mas principalmente, sobre a pessoa que está narrando-o. E é esse testemunho, essa narrativa, que nos faz perceber as invisibilidades dos objetos: as suas biografias, a biografia das pessoas nos objetos, a sua alma e a sua intensidade.

A alma tem um sentido de atribuir valor e animar um objeto. Para compreendermos o valor é preciso colocar os objetos em contexto, entender os seus usos pretéritos e sua trajetória; e animá-los colocando-os em dinâmica social, colocando-os em contato com as pessoas que, em última instância, integram sua rede semântica. Distantes dessas redes de relações, os objetos estariam mortos. Um corpo destituído de alma, é vazio. Um objeto em um museu, sem documentação ou estudos, não é testemunho nem documento, é apenas cenográfico. Devemos evitar o que os congela e os mumifica, ou seja, a estagnação e o pensamento de que o objeto exposto ou em reserva técnica fala por si só. Esses objetos estagnados nos museus estão com as suas almas adormecidas, necessitando serem despertadas.

Podemos intuir, através dos conceitos estabelecidos neste trabalho, que o que mantém o objeto vivo, contribuindo para o entendimento da sua alma, é colocá-lo constantemente em dinâmica social; compreendendo seu valor e significado através da musealidade; percebendo seu potencial de ressonância social; entendendo o modo como ele age sobre as pessoas e vice-versa. Eventos variados e distintos de nossa pesquisa, nos fizeram perceber que a alma não está impregnada no objeto, ela é mediada através de diversas ocorrências, como no caso apresentado aqui: na intimidade de um sujeito com o artefato que foi de sua posse e na representatividade que um objeto significa para um grupo.

A alma dos objetos é a percepção do sentido social e simbólico dos artefatos. E ela pode ser intuída através da forma como as pessoas sentem, interpretam e comunicam determinado objeto. A sanfona, por exemplo, possui uma alma delineada pela importância que teve na vida de seu antigo dono. Todos os objetos biografados, por intermédio da nossa pesquisa, serviram de estímulo para percebermos como a alma pode ser tracejada.

Desta forma, a alma configura-se pela junção de todos os fatores abordados. Por intermédio da concepção da biografia dos objetos e dos sujeitos que os possuíram,

compreendemos os elementos de ativação da alma: percebemos as invisibilidades presentes nas materialidades; a potencialidade de musealidade acendida através das conexões; a ressonância social gerada durante as narrativas sobre os artefatos; e a capacidade dos objetos de agirem sobre os indivíduos.

REFERÊNCIAS

BORGES, Luiz C.; CAMPOS, Marcio D’Oliveira. **Patrimônio como valor, entre ressonância e aderência**. IN: SCHEINER, Tereza; GRANATO, Marcus; REIS, Maria Amélia de Souza; AMBROCIO, Gladys Barrios (Orgs.). *Icomfom Lam 2012: termos e conceitos da museologia: museu inclusivo, interculturalidade e patrimônio integral*. Rio de Janeiro: MAST, 2012. p. 112-123.

CANAU, Joel. **Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial**: memória, tradição e identidade. *Revista Memória em Rede*, jan/jul, 2009.

DEBARY, Octave. **Segunda mão e segunda vida**: objetos, lembranças e fotografias. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 2, n. 3, p. 27- 45. Ago.-nov. 2010.

DOHMANN, Marcus. **A experiência material**: a cultura do objeto. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

GARNIER, Julie. **Véronique Dassie, objetos de afeição**. *Uma Etnologia do Íntimo, Campos / Teorias [Online]*, Éditions du CTHS, 2 | 2015. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/teth/261>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2018.

GONÇALVES, José Reginaldo; GUIMARÃES, Roberta; BITAR, Nina. **A Alma das Coisas**: patrimônios, materialidade e ressonância. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2013.

GUARNIERI, W.R.C. **A interdisciplinaridade em Museologia (1981)**. In: BRUNO, M. C. O. (Org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. v. 1, p. 123-126.

INGOLD, Tim. **Trazendo As Coisas De Volta À Vida**: Emaranhados Criativos Num Mundo De Materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, Ano 18, N. 37, P. 25-44, Jan./Jun, 2012.

KOPYTOFF, Igor. **A biografia cultural das coisas**: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, ARJUN. *A vida social das coisas*. Niterói: EDUFF, 2008.

GREENBLATT, Stephen. **O novo historicismo**: ressonância e encantamento. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 4, p. 8, p. 244-261, 1991b.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social**: An Introduction to Actor-Network-Theory. New York: Oxford University Press, 2005.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Memória e cultura material**: documentos pessoais no espaço público. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 89-103, 1998.

_____. **A Psicologia Social no campo da cultura material**. *Anais do Museu Paulista*, 1996, vol. 4, no. 1, p. 283-290.

MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e Coisas**: Estudos antropológicos sobre a Cultura Material. Daniel Miller; Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro. Zahar, 2013.

NERY, Olívia Silva. **Objeto, memória e afeto**: uma reflexão. In: Revista Memória em Rede: Pelotas, v.10, n.17, Jul./Dez. 2017.

SCHEINER, Tereza. **Museologia e pesquisa**: perspectivas na atualidade. In: Museu de Astronomia e Ciências Afins (Brasil). MAST Colloquia – Museu: Instituição de Pesquisa, Rio de Janeiro, p. 85-100, 2005.

VALÉRY, Paul. **O problema dos museus**. Revista Ars. São Paulo: v. 6 n. 12, p. 31-34, 2008.